

Editorial

Em meados de 2018, em uma reunião do corpo docente do colegiado de antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, decidiu-se pela criação da *Ayé: Revista de Antropologia*. O curso, fundado em 2014, completava então quatro anos e a construção de um periódico foi concebida como uma forma de publicização da produção docente dos pesquisadores e pesquisadoras envolvidos no bacharelado. A fundação do mestrado em antropologia, uma iniciativa da cooperação entre a UNILAB e a UFC, também figurou como uma força catalisadora para este projeto, pois na época estimamos que o presente periódico poderia também servir de canal de divulgação para as produções dos discentes do programa. Na época foram escolhidos para editores-chefes Arilson dos Santos Gomes e Rafael Antunes Almeida, docentes do curso de antropologia.

Passados três anos de criação da revista, o projeto original se mantém. Todavia, com complementos. Desde a sua fundação, a *Ayé* lançou duas edições especiais, a *Traduções* e a *Edição Especial Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston*, diversificando e ampliando as possibilidades de circulação das produções ao campo antropológico.

Desde então, com publicações anuais, a revista tem se consolidado como um meio importante de divulgação do pensamento científico nas áreas das Ciências Humanas e Sociais. A partir de 2020, mesmo com os desafios impostos pela pandemia, que tem afetado as nossas vidas com perdas inestimáveis, a revista manteve-se fiel aos seus propósitos de publicar o seu volume anual. Um dado importante para destacar, advindo dos dados estatísticos do sistema OJS/PQP, são os totais de acessos aos textos publicizados na revista entre abril e agosto de 2021. Com uma média atual girando em mais de 1.309 acessos mensais, tem-se nos números o respaldo dado pela comunidade universitária à publicação.

Com destaques para os artigos mais acessados no momento, *O que os editores brancos não publicarão/ Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais*, tradução de Messias Basques, *Economias políticas da doença e da saúde: população, raça e letalidade na experimentação farmacêutica*, de Rosana de Castro, *O sol é um disco: Ensaio sobre corporalidades em Orí, filme de Raquel Gerber*, escrito por Denise Ferreira da Costa Cruz e Flora Rodrigues Gonçalves e a tradução de *Como eu me sinto uma pessoa de cor*, de Zora Neale Hurston publicado recentemente na última Edição Especial, a *Ayé* oferta ao público artigos relevantes à área ao mesmo tempo em que oportuniza as/os estudosas/os e pesquisadoras/es a utilização de um canal de divulgação científico destinado para a comunidade nacional e internacional interna e externa à Unilab.

No lançamento desta nova edição, composta pelo Dossiê: *As contribuições de intelectuais negras para as ciências humanas e sociais* e um artigo avulso, tem-se concomitantemente a nova composição de editores-chefes da *Ayé*. Os docentes Arilson dos Santos Gomes e Rafael Antunes Almeida

passam integrar a Comissão Editorial do periódico, responsabilidade partilhada pelas membras e membros do Colegiado de Antropologia da Unilab, enquanto assumem a editoria da revista o docente Bruno Goulart e a docente Carla Susana Alem Abrantes a quem agradecemos e desejamos todo o sucesso na continuidade dos trabalhos.

Arilson dos Santos Gomes

Bruno Goulart

Carla Susana Alem Abrantes

Rafael Antunes Almeida

Comissão editorial

Apresentação do Dossiê: As contribuições de intelectuais negras para as ciências humanas e sociais.

Ângela Davis diz que: “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”, o dossiê relaciona a assertiva com destaque para as temáticas das mulheres negras e dos seus protagonismos, que ao se fazerem presentes na academia possibilitam a produção de saberes e, conseqüentemente, em sua difusão, novas epistemologias emergem tendo por fundamento as vivências. Para Angela Figueiredo, “a experiência pessoal, a experiência vivida e compartilhada é para nós, pesquisadores e pesquisadoras negras, uma evidência muito importante, já que é a base de nossa reflexão e teorização. Nesse sentido é que a metodologia proposta pelo feminismo negro destaca o diálogo mais horizontal (...) e a empatia” (FIGUEIREDO, 2020, p.09).

É com esse espírito que o novo número reúne autoras/es de instituições diversas, tais como Universidade Rovuma em Moçambique, Benemérita Universidade Autónoma de Puebla, no México, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade de Brasília, Universidade Federal de Minas Gerais, Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Universidade Federal de São Paulo e Universidade de São Paulo, somando 9 diferentes universidades. Essa diversidade de instituições reflete uma diversidade regional e internacional dos temas e discussões que compõem os textos do dossiê, mas também as confluências (para lembrar o termo do mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos) entre suas/seus autoras/es.

O dossiê abre com o artigo de Sarifa Abdul Magide Fagilde, *Mulher e ciência: mito, desconstrução do mito e equidade*, que aborda o estágio atual sobre a progressão e atuação da mulher na Ciência, em termos globais e particularmente em Moçambique. De acordo com a autora, no processo histórico, de forma global e em particular na África, concretamente em Moçambique, construíram-se mitos culturalmente aceitos de que certas áreas do conhecimento seriam do domínio masculino e outras do domínio feminino, fato que vem causando desigualdades em termos de oportunidades nas escolhas profissionais. Diante desse quadro, a autora se propõe a contribuir não só para a desconstrução de mitos cultural e socialmente construídos, mas também apontar para a necessidade de se pensar em políticas públicas de inclusão social da mulher nos espaços de Ciência e Tecnologia na África e em particular para o caso de Moçambique.

Em seguida o artigo *Itinerários de mulheres negras na antropologia: pensando viagens com Zora Hurston e Lélia Gonzalez*, de Ester Corrêa, tem como foco a relação entre mulheres negras e as viagens na antropologia. Seu objetivo é provocar uma reflexão sobre as viagens de antropólogas negras, enfocando os escritos de Zora Neale Hurston e Lélia Gonzalez, abordando também sua própria experiência como antropóloga negra viajante.

Somando à essas discussões, temos o artigo de Rosânia do Nascimento, *Mulheres-calibãs: a propósito do pensamento transatlântico*, que parte da transformadora presença negra na universidade pública e da experiência da autora na disciplina de pós-graduação sobre a história da antropologia de forma a tecer reflexões sobre os apagamentos e a presença de autoras negras nesse âmbito.

Na mesma direção, em *Sobre a enunciação de mulheres negras na ciência: uma análise da produção intelectual de Gloria Anzaldúa e bell hooks*, de Tayane Rogéria Lino e Claudia Mayorga, é investigado a fala/silêncio de mulheres negras na ciência moderna, tendo como objetivo estabelecer uma discussão em torno do complexo debate acerca do lócus enunciativo das mulheres neste campo. Para dar conta dessa questão a autora analisa as trajetórias das intelectuais bell hooks e Gloria Anzaldúa, de forma a apresentar como essas teóricas buscam novas estratégias epistemológicas e estabelecem um diálogo crítico com distintas correntes do pensamento, a fim de explicitar as redes de poder que invisibilizam a aparente objetividade do conhecimento científico.

Já em *Uma vista do interior: perspectivas da luta antirracista das mulheres negras brasileiras da cidade de São Paulo*, Marina Oliveira Barbosa analisa a trajetória política de mulheres negras na luta antirracista na cidade de São Paulo, e como esses movimentos espiralares da história possibilitaram a construção de um corpo de luta e resistência da autora, negra, mulher, paulistana, pesquisadora e amante do movimento, enquanto instrumento de transformações sociais dos espaços. Partindo de uma auto antropologia a pesquisadora buscou observar e sentir a cidade em suas complexidades, relacionando-as com as singularidades e subjetividades de corpos femininos negros da história.

Dando seguimento ao dossiê, Ronan da Silva Parreira Gaia, no artigo *Intelectual, historiadora, ativista e quilombola: contribuições de Beatriz Nascimento às militâncias negras*, tem como tema a trajetória da intelectual Beatriz Nascimento em distintos aspectos, buscando evidenciar suas contribuições para a intelectualidade negra, a academia brasileira e os movimentos negros. Para o autor, o legado de Beatriz nos proporciona ferramentas para conhecer a luta das militâncias e dos movimentos negros desde a década de 1970 aos dias atuais, tendo em vista as conquistas desses sujeitos e, também, o cenário racista brasileiro que se aperfeiçoa nos períodos atuais.

Em *Enegrecer o Direito: o Sistema de Justiça em perspectiva antirracista*, Twig Santos Lopes, parte da pergunta de como o direito interpela a raça e de como a raça é interpelada pelo direito, evocando as vozes de pensadoras negras a fim de interromper o fluxo - considerado normal -, da grande narrativa jurídica em torno da igualdade abstrata e universal da tradição iluminista. Para a autora do artigo, as narrativas das intelectuais transatlânticas Beatriz Nascimento e Zélia Amador de Deus ofertam possibilidades para repensar e reconstruir as bases da tradição jurídica desenvolvida no Brasil.

Além dos artigos anunciados acima, o dossiê também conta com um ensaio intitulado *Poesia Etnográfica: Só o ESPÍRITO DE RAÇA nos une!*, de Josinelma Ferreira Rolande, a resenha de Jéssica Cristina Alvaro de Oliveira, *Dororidade: A união das mulheres pretas através da dor*, sobre o livro homônimo de Vilma Piedade. O fechamento do dossiê tem a entrevista de Nicole Balestro com Flávia Rios intitulada *(Re)visitando la trayectoria intelectual y feminista de Lelía Gonzalez: una entrevista con Flávia Rios*.

Diante das reflexões ofertadas pelas/os autoras/es é imperativo afirmar que (só) se faz ciência com subjetividades, como demonstram Hill Collins, Grada Kilomba, bell hooks e Sueli Carneiro, entre outras – e ciência de qualidade, pois quando as intelectualidades e as contribuições das mulheres negras são evidenciadas na academia a fim de transformar as suas e as nossas realidades as estruturas se movimentam.

Arilson dos Santos Gomes

Rafael Antunes Almeida

Organizadores do Dossiê